

A EMANCIPAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA PERSONAGEM MARIA AUGUSTA, EM “AS TRÊS MARIAS”, DE RAQUEL DE QUEIROZ

João Batista Martins da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo discutir a emancipação da figura feminina na personagem Maria Augusta, em “As Três Marias”, obra literária de Raquel de Queiroz. A abordagem deste tema é pertinente, atual e relevante, visto que a representação social da mulher na literatura brasileira costumava ficar em segundo plano, pois a sua construção partia de uma perspectiva masculina. Por isso, neste estudo, adotou-se uma metodologia qualitativa, realizando-se uma pesquisa de caráter bibliográfico. Com efeito, para melhor fundamentação teórica, as contribuições de Beauvoir (1970), Duarte (1996), Scott (1990), Queiroz (2021) e Zilberman (2018) foram essenciais neste trabalho. Estes autores analisam o papel da mulher na literatura e suas relações socioculturais do século XX aos dias atuais. Em síntese, é possível concluir que a postura de autoafirmação e protagonismo feminino de Maria Augusta – a Guta, é um traço característico dessa personagem, que teve destaque frente aos padrões tradicionais de sua época.

PALAVRAS-CHAVE: As Três Marias. Maria Augusta. Emancipação feminina.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise literária da emancipação feminina na personagem Maria Augusta (Guta), presente na obra modernista “As Três Marias”, da escritora cearense Raquel de Queiroz. De fato, Guta foi uma jovem inovadora para a época, visto que desde cedo apresentava personalidade marcante e independente, traços característicos da emancipação feminina que iam em contraposição à sociedade machista onde vivia. Por conseguinte, este estudo surge da necessidade de se discutir o papel da mulher no âmbito da literatura e na sociedade brasileira do século XX.

Por isso, neste artigo, utilizou-se uma abordagem metodológica qualitativa, tomando como procedimento uma pesquisa de caráter bibliográfico. Neste sentido, os fundamentos teóricos foram embasados nos respectivos autores: Beauvoir (1970), Duarte (1996), Scott (1990), Raquel de Queiroz (2021) e Zilberman (2018). Estes teóricos discutem a perspectiva da mulher na sociedade, assim como os enfoques literários pertinentes para a análise e a compreensão da personagem Guta.

¹ Professor Graduado e Especialista em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, UVA. Especialista em Gestão, Coordenação, Planejamento e Avaliação Escolar pelo Centro Universitário INTA - UNINTA, em Sobral-CE. Atualmente, é Pós-Graduando em Literatura Brasileira pela Faculdade Focus, no Paraná. Além disso, é escritor e faz parte da Academia Camocinense de Ciências, Artes e Letras.

Ademais, este trabalho está dividido em duas seções. A primeira, buscou resumir a obra “As Três Marias”, na perspectiva do século XX, onde as mulheres ocupavam papéis subalternos não só na sociedade como também na literatura. Já a segunda seção descreve a personagem Maria Augusta frente aos costumes e padrões culturais de seu tempo, visto que vivia em uma sociedade patriarcal e, por isso, Guta se apresenta no âmbito da literatura brasileira como exemplo de emancipação feminina.

Sob esta ótica, faz-se uma análise da representação feminina da personagem Maria Augusta, em “As três Marias”. Nesta construção literária, Raquel descreve um tipo de mulher que busca romper com os costumes e ditames sociais pré-determinados. Ela apresenta uma protagonista feminina, mulher independente e que toma suas próprias decisões. Nesse aspecto, de fato, a personagem Guta foi inovadora para a época, pois nesse tempo vigorava o Código Civil Brasileiro de 1918, de cunho patriarcal, que limitava a posição feminina na sociedade.

Diante do exposto, faz-se importante refletir a condição da mulher na sociedade e na literatura, não como sujeitos passivos, mas sim autônomos. Neste sentido, as respectivas contextualizações são importantes para o entendimento salutar deste estudo, pois são tomadas como ponto de partida a fim de compreender a percepção e a emancipação feminina da personagem Guta no âmbito da literatura brasileira.

1. “AS TRÊS MARIAS” NO CONTEXTO DO SÉCULO XX

Em primeira análise, esta seção apresenta uma contextualização da sociedade do século XX. Na sequência, descreve-se os traços biográficos da escritora cearense Raquel de Queiroz e, por fim, há um breve resumo da obra “As Três Marias”, romance modernista lançado em 1939, objeto deste estudo.

Historicamente, a primeira metade do século XX, no Brasil, foi marcada por um contexto de várias mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais. Por exemplo, nos centros urbanos havia a modernização das grandes cidades, além da agitação das indústrias e ferrovias, que geravam empregos e movimentam toda uma vida social. Apesar deste progresso socioeconômico, é oportuno salientar que ainda havia uma sociedade burguesa elitista, patriarcal e conservadora em seus costumes, crenças e tradições.

Para muitas mulheres desse período, a vida na sociedade brasileira do século XX, ainda era muito excludente e limitada. De fato, nesse tempo, as mulheres não possuía autonomia nem poder de decisão. Na política nacional, por exemplo, muitas delas só tiveram o direito ao voto em 1932, direito este conquistado durante o governo do Presidente Getúlio Vargas.

No campo religioso e educacional, também isso não foi diferente, pois estas

instituições funcionavam para o público feminino como mecanismos de doutrinação, boa conduta, aspecto moralizante, devoção, comportamento social, disseminação de valores familiares e cuidados do lar. Sobre isso, Raquel de Queiroz (2021, p.35) relata:

[...] meninas silenciosas, vestidas de xadrez humilde, aprendiam a trabalhar, a coser, a tecer as rendas dos enxovais de noiva que nós vestiríamos mais tarde, a bordar as camisinhas dos filhos que nós teríamos, porque elas eram as pobres do mundo e aprendiam justamente a viver e a pensar como pobres.

Portanto, neste trecho, fica claro a visão de ensino e cultura da sociedade do século XX. Nesse sentido, observam-se os costumes e tradições que eram dadas como ofícios desde cedo às meninas nos colégios da época, como aprender a ser esposa, a cuidar dos filhos e a realizar tarefas caseiras. Dessa forma, as mulheres eram mantidas distantes do centro das decisões, assim, os papéis sociais relevantes permaneciam essencialmente dominados por homens.

Diante desses fatos supracitados, na literatura brasileira, esses acontecimentos também não foram diferentes em relação à escritora Raquel de Queiroz. De fato, ela vivia em um contexto social e literário dominado por vozes masculinas, marcadas numa sociedade preconceituosa, discriminatória e machista.

Na verdade, esse paradigma é fruto da desconfiança e de construções sociais estereotipadas que se deram ao longo da história. Por isso, Raquel buscou construir sua narrativa colocando, primeiro, personagens femininas como protagonistas e tentou apresentar uma visão de que a mulher pode ser o que ela quiser ser, como já dizia a filósofa Simone Beauvoir (1970): “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”.

Portanto, o papel social da mulher é mais que desafiador, é uma luta constante por direitos e garantias fundamentais. É nessa perspectiva que, Raquel Franklin de Queiroz, natural de Fortaleza, Ceará, mostrou porque sempre esteve à frente do seu tempo. De acordo com Constância Lima Duarte (1996, p.164):

Como outras mulheres, Rachel colocou-se na vanguarda de sua época ao penetrar no mundo das letras, na redação dos jornais e na célula partidária, espaços entranhadamente masculinos. [...] Na narrativa de O quinze, por exemplo, ao lado de homens fragilizados pela exploração antiquíssima e à catástrofe da seca, a personagem feminina exhibe traços de emancipação e prefere viver sozinha, “pensando por si”, do que aceitar um casamento tradicional. Em João Miguel, são as mulheres do povo que rejeitam a reificação, se entregam à libido e reagem ferindo a face os homens que as abandonam com filhos pequenos. Elódia Xavier, em estudo sobre a trajetória ficcional da

escritora, afirma, a propósito de *As três Marias*, que as personagens representam vários aspectos da condição feminina “como a repressão sexual e a falta de perspectivas existenciais”, e que, ao tomarem contato com a realidade “se defrontam com a monotonia e a estreiteza do casamento burguês, como ‘destino de mulher’, citando Simone de Beauvoir”.

De fato, nas suas obras como escritora romancista, contista, cronista, tradutora e jornalista, ela teve papel de destaque ao colocar suas personagens “femininas” em primeiro plano, autônomas e livres como foi o caso da Maria Augusta, em “*As Três Marias*”.

A escritora foi destaque na Literatura Brasileira, sobretudo para a Literatura do Nordeste. Além disso, Raquel tornou-se uma referência para todas as mulheres, pois ela fez história ao ser introduzida na Academia Brasileira de Letras como a primeira mulher a fazer parte de uma elite pensante neste país, cenário até então com predomínio masculino.

Em vida, esta cearense recebeu prêmios importantes, tais como: Prêmio Jabuti, Machado de Assis, Camões, entre outros. Sua escrita apresenta críticas da realidade brasileira, denunciando a seca, a fome, a pobreza, a miséria e a vida difícil do sertanejo nordestino que tenta fugir deste destino trágico, como em “*O Quinze*”. Além disso, percebe-se na prosa desta escritora o caráter regionalista, particular e universal presente nas suas personagens mulheres com nomes Marias, como em “*As Três Marias*” e “*Memorial de Maria Moura*”, além da linguagem simples, coloquial e verossímilhante.

Diante dessa exposição panorâmica sobre a representação social da mulher no contexto do século XX e a biografia da escritora Raquel de Queiroz, agora será feito um breve resumo da obra “*As Três Marias*”. Este romance é narrado em primeira pessoa por Maria Augusta, personagem conhecida como Guta que descreve suas histórias, vivências e dramas ao lado de suas amigas Maria da Glória e Maria José.

Neste enredo, considerado pela crítica como autobiográfico, são apresentadas três jovens estudantes que se conheceram num colégio interno na cidade de Fortaleza no Ceará, e dessa relação de amizade, a irmã Germana ao chamar a atenção dessas meninas as batiza com o nome de “*As três Marias*”, por viverem sempre juntas e unidas. Na verdade, esse nome é uma alusão às estrelas do Cinturão de Orion.

No decorrer da narrativa, percebe-se que Maria da Glória, Maria José e Maria Augusta partilham de sentimentos comuns ligados à vida familiar. Por exemplo,

Glória é órfã de mãe e pai; já Maria José foi abandonada pelo pai e, Guta, ao perder à sua mãe Isabel, teve que acabar convivendo com a sua bondosa madrasta.

Ao passar dos anos, observa-se que a vida regrada e disciplinada no colégio interno acaba. Agora, já adultas, “As Três Marias”, cada uma segue sua vida. Em síntese, Glória se casa com Afonso e tem um filho; e, Maria José se torna uma mulher muito religiosa, tem emprego como professora e decide viver com a mãe e os irmãos. Maria Augusta, por sua vez, resolve ir à casa do pai morar com sua família, mas ela percebe que sua madrasta quer transformar numa mulher dona de casa, ensinando-a a fazer os serviços domésticos.

Neste ínterim, Guta entende que esse modelo de vida não difere muito dos ensinamentos pregados no colégio. Por isso, ela não aceita essa condição de ser dona do lar, então, resolve voltar à Fortaleza novamente e, desta vez, trabalhando como datilógrafa e indo morar com Maria José, sua amiga de escola. Na narrativa, observa-se que tempos depois Guta se apaixona por Raul, homem casado. No entanto, ela termina este relacionamento ao perceber que ele a deseja apenas como amante.

Ao romper com Raul, a personagem Maria Augusta descobre que o Aluísio, seu amigo, passa a gostar dela. Porém, dias depois, o pobre Aluísio acaba se suicidando e todos culpam Guta por esse episódio. Diante deste fato, ela resolve tirar férias e vai ao Rio de Janeiro, onde lá conhece o personagem Isaac, um homem estrangeiro.

Neste novo relacionamento, Guta se apaixonada por Isaac e tem a primeira noite de amor. Porém, suas férias terminam e Guta precisa regressar à Fortaleza. Quando chega, ela aborta o bebê, filho de Isaac, e depois disso, a personagem Maria Augusta toma a decisão de voltar a morar com sua família, no interior do Ceará, retomando sua vida.

2. A PERSONAGEM MARIA AUGUSTA COMO EXEMPLO DE EMANCIPAÇÃO FEMININA

Nesta seção, discute-se a representação feminina da personagem Maria Augusta na obra “As três Marias” no contexto do início do século XX, uma época marcada por uma sociedade patriarcal. De fato, a mulher estava distante de papéis relevantes na esfera social, visto que estava associada à submissão e dependência de um homem. Portanto, a mulher costumava estar à margem de grandes decisões e era alvo de discriminação na sociedade machista.

Nesse contexto, na literatura, esta disposição também não foi diferente, uma vez que a figura feminina era frequentemente associada a estereótipos negativos e polêmicos. De fato, as personagens femininas sempre estiveram vinculadas a papéis secundários e irrelevantes, distante do protagonismo masculino. Além disso, em muitas culturas e no âmbito da literatura universal, elas tinham suas imagens ligadas a monstros, sereias e bruxas.

Portanto, no âmbito da literatura, as personagens femininas não usufruíam de grandes papéis políticos e sociais, sequer tinham o direito de decidir seus próprios destinos. Nesse sentido, elas eram frequentemente associadas à personagens negativas, infiéis e dissimuladas. No texto literário, a mulher era dotada com características de vilã, com funções subalternas, distante do protagonismo da obra, usual na personagem masculina.

Contudo, esses paradigmas históricos, sociais e literários são rompidos a partir da visão e escrita de Raquel de Queiroz ao construir suas personagens femininas progressistas. Nessa perspectiva, ao produzir o romance “As Três Marias”, Raquel buscou colocar a figura feminina no centro da literatura, a partir da representação da sua personagem, a Maria Augusta. De fato, Guta superou os costumes e preconceitos ao se apresentar de forma independente e determinada frente às limitações do seu tempo.

Em “As Três Marias”, especificamente, observam-se a realidade das três personagens femininas atreladas ao colégio interno, aos fazeres domésticos, casamentos, vida religiosa e aos ditames patriarcais do século XX. De fato, nesse tempo, a mulher estava distante de papéis importantes seja na esfera política ou social, visto que eram associadas à submissão e dependência de um homem.

A respeito de Guta, é importante destacar a sua personalidade e as suas tentativas de emancipação e autonomia feminina. Ela, no decorrer da narrativa se apresenta como uma personagem independente, destemida e dona da sua própria vida, a ponto de decidir o que quer ser.

Nessa perspectiva, conforme discutido anteriormente, a personagem Maria Augusta ao concluir o colegial, voltou a casa de seu pai. Chegando lá, ela vê que a madrasta, a quem chamava de Madrinha, deseja torná-la dona de casa, ensinando-a a realizar tarefas do lar, algo não muito diferente daquilo que era visto na escola. Sobre este aspecto, Queiroz (2021, p.90) descreve:

[...] Madrinha explicou meus novos deveres de filha e irmã mais velha, falou na colaboração que a família esperava de mim. E como me horrorizavam, minha Nossa Senhora, as camas por fazer, as meias por

cerzir, as mesas a pôr e a tirar, as famosas semanas de cozinha que eu deveria revezar com minha madrasta! O fim apologético daquilo tudo era preparar em mim a futura mãe de família, a boa esposa chocadeira e criadeira. Eu, no entanto, sentia apenas que queriam aproveitar minha presença em casa, tirar serviços de mim, e os mais desinteressantes inglórios. E ninguém me entendia, admiravam-se que, depois de tantos anos de reclusão e disciplina, eu só quisesse, só aspirar-se à liberdade e aos prazeres proibidos.

Neste excerto, observa-se como era a situação da mulher na sociedade. Portanto, aqui é exibido um modelo de como poderia ser a vida de Maria Augusta, casada, futura mãe de família, boa esposa e prendada às tarefas do lar. Guta, no entanto, toma uma decisão e não aceita essa condição imposta pela sua família. Por isso, ela busca o quanto antes sua autonomia no trabalho e a liberdade em seus relacionamentos.

De fato, o comportamento de Maria Augusta para os padrões socioculturais da época não eram bem-vistos. No entanto, essa personagem revela um tipo de mulher moderna, progressista e firme em seus posicionamentos e decisões pessoais. Nesse âmbito, Raquel soube muito bem apresentar esse choque existencial conflitivo entre o gênero feminino e o masculino.

Deveras, a personagem Guta simboliza o nascimento e a resistência representativa daquelas mulheres que estavam presas e reclusas à vida em sociedade. Por isso, seu desejo era libertar-se de toda e qualquer forma de reclusão, submissão, imposição familiar, religiosa e educacional, conforme Queiroz (2021, p.92) aponta:

Mas, Deus do céu, ela não via, papai não via, ninguém via, que o único desejo do meu coração era derrancar hábitos, esquecer a escravidão do sino, das rezas, da cama feita? Para que sair do colégio, para que ser afinal uma mulher, se a vida continuava a mesma e o crescimento não me libertara da infância? É difícil exprimir em algumas linhas tudo o que foi para mim esse tempo decisivo, que exigiria talvez um livro, só ele, para dizer as minhas rebeldias, minhas lágrimas à noite, meu desesperado desejo de fuga, que chegou a ser quase uma obsessão.

Nesta citação, vê-se fortemente o sentimento de angústia da personagem Guta. De fato, esse drama vivido por ela não deixa de representar um grito de liberdade, onde muitas mulheres eram presas e vítimas da opressão familiar, religiosa, educacional e político-social daquela época. Essa visão pré-determinada da condição da mulher, desde a infância à fase adulta, já parecia ser definida, pois a mulher ou casava-se ou tinha-se vocação à vida religiosa.

No entanto, essa visão pré-estabelecida em “As Três Marias”, com Guta,

torna-se muito diferente. Pois, a construção da personalidade de Maria Augusta era de rompimento frente aos padrões socioculturais do seu tempo. Por isso, ela apresentava uma identidade madura, com ousadia e poder de escolha sobre suas atitudes, sonhos e planos de vida. Sobre isso, Queiroz (2021, p.92) relata:

[...] quando vi no jornal o edital de um concurso para datilógrafo em Fortaleza, agarrei-me a essa esperança com tanta tenacidade e energia que Madrinha cedeu, papai cedeu, trouxe-me para fazer o concurso, visitou amigos, conseguiu a nomeação. Comecei a trabalhar. E parecia-me que a felicidade começava. Viver sozinha, viver de mim, viver por mim, livrar-me da família, livrar-me das raízes, ser só, ser livre!

Neste trecho, portanto, fica claro o desejo de independência da personagem Maria Augusta, a partir de sua admissão no emprego de datilógrafo. De fato, esta posição social no trabalho, rendia-lhe autonomia, liberdade e, sobretudo, uma forma de emancipação da figura feminina numa sociedade patriarcal, machista e excludente. Além disso, nota-se também, a tamanha alegria de Guta ao viver sozinha e ser livre.

Nesse contexto, Maria Augusta representa a visão da mulher moderna, progressista e esclarecida na sociedade do século XX. Logo, a construção literária dessa personagem, para a crítica feminista, mostra um tipo de mulher independente e com altivez, em oposição àquelas personagens passivas, descritas e pensadas sob a ótica de escritores masculinos. Sobre esse assunto, Zilberman (2018, p.130) esclarece:

O pesquisador norte-americano Jonathan Culler explicita como atua a crítica feminista, que propõe o entendimento da literatura desde a ótica da mulher: [...] “Ler como uma mulher é evitar ler como um homem, identificar as defesas e distorções específicas da leitura masculina e providenciar correção” (CULLER, 1982, p. 54). Com o fito de entender os textos desde a perspectiva da mulher, a crítica feminista avançou na direção da crítica de gênero, quando constatou ser importante levar em conta a perspectiva do gênero (masculino ou feminino; heterossexual ou homossexual) com que o texto é produzido ou lido

Nesta citação, segundo a autora, é correto afirmar que a crítica feminista atua na literatura a partir da perspectiva feminina, pautadas na compreensão da visão da mulher. Portanto, essa corrente de pensamento permite ler e compreender personagens femininas diferentes daquelas narradas por homens. Nesse sentido, Guta é um exemplo disso ao contar em primeira pessoa seu protagonismo e militância feminina.

Nessa perspectiva, as diferentes formas de emancipação da mulher na literatura e na sociedade, ainda apresentam muitas barreiras políticas, sociais, econômicas e culturais. No entanto, do século XX aos dias atuais, a crítica feminina buscou elevar o perfil das mulheres, colocando-as como protagonistas e heroínas, desconstruindo àquela visão de submissão e dependência masculina. Neste assunto, Duarte (1996, p.151) afirma:

Pode-se dizer que a vitória do movimento feminista é inquestionável quando se constata que suas bandeiras mais radicais tornaram-se parte integrante da sociedade, como, por exemplo, mulher frequentar universidade, escolher profissão, receber salários iguais, candidatar-se ao que quiser.... Tudo isso, que já foi um absurdo sonho utópico, faz parte de nosso dia a dia e ninguém nem imagina mais um mundo diferente.

De fato, essas questões sobre o papel da mulher como forma de emancipação política, econômica e social eram inimagináveis à época de Guta. Por isso, é importante reconhecer a atitude inovadora e ousada de Maria Augusta ao lutar pela sua independência enquanto mulher no âmbito do trabalho, da família, em relacionamentos amorosos e no contexto da sociedade em que vivia.

Portanto, o debate desse assunto é uma forma de reeducar também à figura do leitor. Pois, sabe-se que durante muito tempo ele consumiu uma literatura nacional produzida pelo gênero masculino, em que a imagem feminina era deturpada e distorcida sob o viés de uma sociedade marcada pelo machismo. Sobre a emancipação do gênero feminino, a historiadora Joan Scott (1990, p.93) defende:

[...] esta nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre atuais estratégias políticas feministas e o futuro (utópico), pois ela sugere que o gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça.

Nesta discussão teórica, Scott (1990) sugere que é necessário refletir estratégias na perspectiva feminina, a fim de buscar uma redefinição e reestruturação dos gêneros masculino e feminino a partir de uma política social de inclusão e igualdade entre ambos. Por conseguinte, é necessário pensar a condição de gênero, refletindo a sua atuação na sociedade e na literatura a partir da escrita de novas possibilidades históricas e socioculturais.

Diante do exposto, a personagem Maria Augusta representa um símbolo de emancipação da figura feminina na sociedade do século XX. No romance, percebe-se o protagonismo de Guta, frente às lutas por independência, igualdade, liberdade

e autoafirmação da mulher. Assim, o objetivo deste trabalho foi discorrer sobre a importância das mulheres, não como sujeitos submissos e com papéis subalternos, mas independentes e autônomos tanto na vida real como na literatura.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta breve descrição do romance “As Três Marias”, as discussões teóricas voltadas a análise do perfil emancipatório da personagem Maria Augusta foram essenciais à coleta dos resultados neste trabalho. Por isso, em síntese, é possível afirmar que dois aspectos foram muito relevantes para apreciação dos resultados.

Primeiro, é o fato de que a personagem Maria Augusta, mesmo estando reclusa a um sistema educacional e religioso tradicional, cuja formação se voltava a boa conduta, aos costumes, a moral e à família, ainda assim, é Guta quem decide o que fazer da sua vida. Portanto, é ela mesma que decide seu próprio destino, se quer ser solteira, casada, religiosa ou independente.

Um segundo fator determinante para a compreensão desta personagem feminina é a sua postura de mulher esclarecida e determinada. De fato, Guta enfrentou as limitações impostas às mulheres de seu tempo, tentando romper com as imposições sociais e patriarcais pré-determinadas. Um exemplo disso foram as tentativas de sua madrastra, a quem chamava de Madrinha, ao ensiná-la a ser dona do lar a fim de ser uma futura esposa e mãe de família.

Em resumo, essas duas imposições socioculturais feitas à personagem Maria Augusta merecem ser destacadas. Mas, Guta não as aceita, pelo contrário, prefere a autonomia e a liberdade de decidir sua própria vida. De fato, esses traços constituem características da personalidade destemida e emancipatória de Guta, pois foram sinais de resistência frente aos costumes e tradições da sociedade do século XX.

A discussão sobre a emancipação feminina através da personagem Maria Augusta, no romance “As Três Marias”, da escritora cearense Raquel de Queiroz trouxe à tona o contexto histórico e literário de produção dessa obra modernista do século XX. Neste sentido, foi feito um breve resumo desse romance, numa perspectiva literária e social acerca de como era vida das mulheres nesse período. Por isso, esta análise se concentrou na personagem Guta, uma jovem independente que procurou romper paradigmas socioculturais vigentes em seu tempo.

Neste estudo, à princípio, buscou-se desenvolver uma metodologia pautada no tipo de pesquisa de revisão bibliográfica. O intuito foi estabelecer uma conexão

com os aportes teóricos fundamentados dentro do próprio romance “As Três Marias”. Por isso, os estudos e contribuições de Queiroz (2021), Beauvoir (1970), Duarte (1996), Scott (1990) e Zilberman (2018) foram determinantes para a leitura, análise e compreensão da personagem Maria Augusta.

Depois desse levantamento teórico, em face à leitura da obra “As Três Marias”, foi possível constatar que a figura feminina tanto na literatura como na sociedade do século XX eram excluídas e discriminadas. Elas ocupam posições sociais inferiores e eram submissas à cultura masculina dominante, que afastava a presença das mulheres dos centros de decisão.

De fato, essa construção histórica, negativa e estereotipada das personagens femininas na sociedade e na literatura ficaram muito evidentes no desenvolvimento desta pesquisa. Mas, esta visão também é quebrada, quando a escritora Raquel constrói a personagem Maria Augusta, dando-lhe autonomia, protagonismo, independência e liberdade. Sobre essa questão, a crítica feminista e os autores acima sugeriram uma política paritária de gênero que inclua as minorias sociais, dê visibilidade e voz às mulheres a partir da ótica delas.

Nessa perspectiva, a representação social das mulheres, em Guta, simboliza portanto, a independência e a liberdade de que a mulher pode sim decidir sobre a sua vida sem coerções políticas, sociais, religiosas e educacionais. Na verdade, o comportamento da personagem Maria Augusta transmite a mensagem de que a mulher pode ser religiosa, solteira, casada e livre, sobretudo para escolher seu caminho.

Diante do exposto, conclui-se que os objetivos desta pesquisa foram atingidos, pois o estudo da personagem Maria Augusta como exemplo de emancipação feminina representou um marco significativo de autoafirmação e luta feminina. Por isso, o debate sobre a representação das mulheres na sociedade e na literatura brasileira é uma necessidade, sobretudo de respeito aos leitores e às próprias mulheres que sempre lutaram contra todo e qualquer tipo de exclusão, discriminação e preconceitos.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1970.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. Natal, UFRN. 1996. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18402.pdf> > Acesso em: 21 maio 2021.

QUEIROZ, Rachel de. **As Três Marias**. - 32^a. ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, jul/dez, p. 5-22, 1990. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>>

Acesso em: 21 maio 2021.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da literatura I**. – [3. ed.]. – Curitiba [PR]: IESDE Brasil, 2018.